



21 A 23 DE MARÇO
DE 2024
TEATRO FACISA
CAMPINA GRANDE - PB



Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico Da Leishmaniose Visceral Em Crianças Menores De 1 Ano Na Região Nordeste De 2012 A 2022

Autores: LUCAS DOS SANTOS LUNA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI), HENRIQUE OLIVEIRA CARVALHO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI), MYRELLA TAVARES RODRIGUES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI), VITÓRIA RÉGIA OLIVEIRA ALMEIDA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI), LARISSA ALVES LIMA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI), ANA ROCHA DE LUCENA BISNETA (FACULDADE DE ENSINO SUPERIOR DA AMAZÔNIA REUNIDA), EMILE RAMALHO FERREIRA (FACULDADE DE MEDICINA NOVA ESPERANÇA), MARIA TAVARES DE MOURA (CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINOVAFAPI), SÉFORA DE FREITAS PASCOAL (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI)

Resumo: "Descrever o perfil epidemiológico da leishmaniose visceral em crianças com menores de 1 ano na Região Nordeste de 2012 a 2022." Trata-se de um estudo epidemiológico de caráter observacional, transversal e descritivo, com abordagem quantitativa, sobre a leishmaniose visceral em crianças menores de 1 ano no nordeste brasileiro de 2012 a 2022. A pesquisa foi realizada por meio de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), coletados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), utilizando as variáveis: ano de notificação, UF de notificação, faixa etária e evolução clínica, tendo sido excluídos os dados não preenchidos ou ignorados. No intervalo de 2012 a 2022, a Região Nordeste registrou 1.643 casos de leishmaniose visceral (LV) em crianças menores de 1 ano, com média aproximada de 149 casos ao ano. Essa métrica representa 56,82% do total no país (n=2890), evidenciando o comportamento endêmico dessa região para a LV. Em comparação, na década de 1990, o Nordeste respondeu por aproximadamente 90% dos casos em crianças e adultos. Essa mudança epidemiológica se justifica pelo aumento da incidência da doença nas demais regiões, que, antes restrita ao âmbito rural, passou a atingir áreas urbanas e periurbanas. No período de 2012 a 2022, o Maranhão foi o estado com maior destaque, com 39,64% (n=651) do total, seguido por Piauí e Ceará, com 18,64% (n=306) e 17,48% (n=287), respectivamente. Em comparação, o estado de Alagoas apresentou a menor incidência, com 2,5% (n=25). O ano de 2013 representou um pico no intervalo considerado, com 243 casos. Já o ano de 2020 totalizou 60 casos, destacando-se por um decréscimo de 45% (n=46) em relação ao ano anterior. Nos anos seguintes, o total de notificações foi de 58 em 2021 e 60 em 2022. Tal tendência, no entanto, não representa fielmente a realidade, sendo fruto da queda das notificações compulsórias no período da pandemia da COVID-19. Quanto à evolução clínica dos casos, o desfecho de cura foi apresentado em 74,56% (n=1.001) das situações. No entanto, o óbito por leishmaniose visceral ainda foi presente em 12,52% (n=168). Os principais fatores de risco associados a essa mortalidade na faixa etária pediátrica são: idade inferior a 1 ano, infecções, sepse, diarreia, plaquetopenia, coinfeção com HIV e outros. Assim, a taxa de letalidade da infecção pela *Leishmania chagasi* se mostrou maior na população com menos de 1 ano do que em adultos — grupo no qual esse valor chega a 8,85%. Tal vulnerabilidade da população pediátrica deve-se à imaturidade imunológica celular. Este estudo possibilitou a avaliação da incidência de LV em crianças menores de 1 ano na Região Nordeste, tendo como limitações a ausência de dados referentes ao ano de 2023 e a potencial subnotificação de casos. O comportamento dessa doença sinaliza não apenas a necessidade de aumento da notificação, como também a urgência de organização de medidas de prevenção e controle.